

INTERIORES · ARQUITETURA · ARTE · DESIGN :: INTERIORS · ARCHITECTURE · ART · DESIGN

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE

56 MAR-APR 2014

Shake!

FEATURING

João de Barros

RAAAF

A Cozinha

Uva do Monte



Imagem/Image:
Pedro Sequeira
Sem título (wear)
2013-14
algodão, papel e sujidade corporal

REDIZER A PARTIR DO SOBREVIVENTE

RE-TELLING FROM THE
SURVIVOR'S PERSPECTIVE

— Pedro Sequeira
www.pedrosequeira.info
mail@pedrosequeira.info

Encontrei, entre as minhas pesquisas, uma publicação de Mário Cardozo, data de 1930, que aponta uma característica interessante, do ponto de vista da fenomenologia, que sempre se revelou transversal no tempo e é intrínseca ao pensamento contemporâneo. Esta publicação identifica, a partir do interesse do autor pelos achados de ourivesaria etnográfica por si adquiridos, como determinados objectos emergiram então para o conhecimento público, na tentativa de autorizar a sua existência. Correndo o texto, encontrei os seguintes dados: “sabe-se que o tesouro foi encontrado em Cabeceiras de Basto, ignorando-se, porém o lugar preciso desta região onde ele apareceu, ficando assim perdidos quaisquer detalhes neste sentido, que seriam preciosos. A história repete-se, em toda a parte. É raríssimo o achado de valores (jóias ou moedas) cujas condições de jazida se conheçam claramente...”.

Tal declaração aponta uma prática constante de anulação de informação, com as consequências que devêm da falta de dados sobre determinado assunto e, sobre estes se escrever, formulando ideias incompletas. Hoje, com vários paralelos na contemporaneidade, a necessidade de validação de um item pelas instituições, isto é, sendo que o contemporâneo usa uma série de lógicas e ferramentas que exigem locais específicos para a sua apresentação e comunicação, externos ao local de produção, exige que esses itens existam deslocados do seu lugar de origem, da sua evidência, tornando-se uma espécie de parte de um todo, isolado, como uma espécie de sobrevivente. O problema não reside, a meu ver, nesse isolamento mas na validação desse existir de forma isolada e como nos focamos apenas nesse conjunto de valores. O que está em jogo não é apenas um conjunto de protocolos para que o conhecimento circule, mas como o conhecimento é uma maneira de criar e manter a consubstancialidade das formas. A questão não é o conhecimento em si, mas o seu propósito. Hoje todos pensamos e operamos a partir deste síndrome, uma fórmula construída por via de uma aprendizagem e interiorização institucionais: o museu antropológico fê-lo no passado e fá-lo hoje, importando objectos ritualísticos para o seu interior, os quais não podem ser compreendidos e apreendidos fora desse ritual e contexto que alberga tanto o lugar, como o corpo, como a intercomunicação de um com todos os elementos. Os meios digitais e da imagem reforçam, ao nível da comunicação, um maior isolamento dos conteúdos porque aí não existe lugar físico mas apenas o layout, a construção gráfica num plano. A publicidade veio também alienar a fisicalidade do objecto, introduzindo fundos vazios e anulando a sua tridimensionalidade ou recompondo o cenário. A galeria que expõe joalharia faz um movimento semelhante ao museu, ao preparar dispositivos-receptáculos prontos a exibir um objecto, o qual nada tem que ver com o seu universo ou a condição primeira que imprime no criativo a emergência e necessidade de construir e comunicar algo. As galerias são um fardo às costas dos criativos, a aliança entre um autor e a galeria e consequente publicidade devêm apenas da necessidade de sobreviver às contingências de um tempo moderno.

A conjugação destes elementos operam como ecos de informações isoladas, como o movimento semelhante à pedra que saltita rasante na tona da água, replicando o mesmo movimento, cada vez mais distante do seu operador. Enquanto caçadores-recolectores e comunicadores de ideias, como podemos pensar a possibilidade para a reperformance dos agentes que geram verdades e quando identificar devidamente as pessoas certas no momento certo e no lugar certo?

Qual é a verdadeira urgência deste tempo e destas pessoas? 88

*O Autor deste texto optou por não aderir ao novo acordo ortográfico.

Amid my research I found a publication by Mário Cardozo dated 1930, which points to an interesting characteristic, from a phenomenological perspective, which has always been transversal to time and is intrinsic to contemporary thought. The publication mentioned identifies, based on the author's interest in discoveries of ethnographic jewellery he himself had acquired, how certain objects emerged at the time for public knowledge, in an attempt to authorise their existence. Looking over the text, I came across the following facts: “it's known that the treasure was found in

Cabeceiras de Basto, although the exact location where it appeared in this region is unknown and, so, any details in this sense have been lost, despite their preciousness. History repeats itself, everywhere. It's rare to discover something of value (jewellery or coins) whose place of discovery is clearly known...”

Such a declaration indicates a constant practice in the erasure of information, with the consequences that result from the lack of facts about a given subject and, to write about them, formulating incomplete ideas. Today, with various parallels in contemporary life, the need for validation of an item by institutions – that is, with the contemporary use of logic and a series of tools that demand specific locations for their presentation and communication, external to their place of production – demands that these items exist detached from their place of origin, from their evidence, thus becoming a kind of part of a whole, isolated, like a survivor. The problem, in my opinion, doesn't lie in the fact of this isolation but in the validation of this existence in an isolated way and how we simply focus on this set of values. What is in question is not simply the set of protocols for the circulation of knowledge, but how knowledge is a way of creating and maintaining the consubstantiality of forms. The question isn't knowledge in itself, rather, its purpose. Nowadays, we all think and operate based on this syndrome, a formula constructed via institutional learning and internalisation: the anthropological museum did it in the past and still does it today, importing ritualistic objects into its interior, which cannot be understood and apprehended outside of this ritual and context that shelters the place, the body, and the intercommunication of one with all the elements. Digital and image media reinforce an even greater isolation of the contents because, in this case, there isn't a physical space, rather a layout, the graphic construction of a plane. Advertising has also contributed to the alienation of the physicality of the object, introducing empty backgrounds and annulling its three-dimensional character or by recomposing the setting. Galleries that display jewellery take a similar approach to museums, as they prepare display receptacles for the exhibition of a given object, which has nothing to do with its universe or the initial condition which inspired the creator the emergence and need to construct and communicate something. Galleries are a burden on the backs of creative artists, the alliance between an author and a gallery and the consequent publicity is simply due to the need to survive the contingencies of the modern world.

The conjugation of these elements operate like echoes of isolated information, similar to the movement of a stone skimming over the surface of water, replicating the same moment, increasingly distant from its operator. In the role of hunters/re-collectors and communicators of ideas, how can we approach the possibility of the re-performance of the agents that generate truths and how should we correctly identify the right people in the right place and at the right time?

What is the real urgency of these times and these people? 88

Bibliografia/Bibliography:

Cardozo, Mário, Jóias arcaicas encontradas em Portugal, 1930. Nós Editora: A Cruña
Christie, Michael and Verran, Helen in “Digital lives in postcolonial Aboriginal Austrália”, Journal of Material Culture, vol. 18, number 3, September 201, p. 300